



DEDO DE PROSA

Para onde vai nossa energia?

Em uma reunião internacional promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) para jornalistas ambientais, por acaso fiquei ao lado de um representante do Egito. Um deputado japonês apresentava o plano de eficiência energética de seu país, considerado o melhor exemplo mundial de conversão de energia em Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, para cada kilowatt produzido, o Japão obtinha o melhor desempenho econômico do mundo. Troquei algumas impressões com meu vizinho de mesa e logo percebemos, os dois, algumas semelhanças entre nossos países.

Brasil e Egito têm grandes hidrelétricas cuja produção é preferencialmente — ou quase integralmente — destinada a setores ditos eletrointensivos, como papel e celulose, siderurgia ou alumínio. Brasil e Egito haviam recebido investimentos japoneses na instalação de tais indústrias e passaram a exportar os produtos dessas indústrias para o Japão. Brasil e Egito assumiram os custos sociais e ambientais das hidrelétricas como insignificantes, repartindo-os com suas populações.

Não demorou muito para fazermos a conexão dessas coincidências com o plano japonês tão aplaudido por todos os presentes: para chegar ao seu máximo exemplo de eficiência energética, o Japão havia transferido suas indústrias de alto consumo de energia para países em desenvolvimento com farta hidroeletricidade. O que Brasil e Egito exportavam, de fato, era energia, na forma de alumínio, aço ou papel e celulose. Faz sentido do ponto de vista internacional, pois a produção de energia no Japão é muito mais impactante do que no Brasil e no Egito. Mas é uma opção justa para com os brasileiros e os egípcios, para com nossas paisagens alteradas e nossa biodiversidade afetada?

A reunião ocorreu há mais de 15 anos e, desde então, a participação das hidrelétricas na matriz energética egípcia diminuiu bastante: dos quase 50% de então foi para os atuais 20%, com o aumento das térmicas movidas a derivados de petróleo e gás natural, ambos importados. O potencial de aproveitamento hidrelétrico da bacia do Nilo fora atingido e o Egito optou pelas fontes à base de combustíveis fósseis. Mas não deixou de processar alumínio. Ao contrário, essa indústria continua em expansão por lá.

O Brasil tem mais sorte com seu potencial hidrelétrico, com uma rede hidrográfica muito maior que a do Egito. A hidroeletricidade ainda corresponde a mais de 80% de nossa matriz energética e os planos governamentais de expansão da infraestrutura se sucedem, sem que se altere o bordão "precisamos construir mais usinas para crescer". Mais usinas hidrelétricas onde ainda é possível — e isso hoje quer dizer Amazônia, na visão desenvolvimentista — e mais usinas térmicas e nucleares, onde o potencial hidrelétrico estiver esgotado.

Porém, como o Egito, também não questionamos a real necessidade de manter a exportação de energia na forma de produtos eletrointensivos, assumindo como nossos os custos sociais e ambientais desse modelo. Pior, nem pensamos mais com seriedade na conservação de energia, num investimento maciço em cogeração ou no desenvolvimento de tecnologias para melhorar a eficiência de fontes alternativas de energia. O Egito, ao menos, tem um considerável programa oficial de energia eólica.

E nós, o que fazemos com nossa energia?

TerraGente

DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira
Jonel Benfácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Szalma,
Jonel Benfácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Sérgio Salvetti, Suzana Machado Paula

DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Valdemar Sibrelli

EDITORES

Luiz Figueiredo
Marcelo Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE

Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jeremias Fortunato
Renato Muehrer

FOTOGRAFIA

Agostinho Matos, Antonio Luiz,
Carlos Alberto Coutinho, Fábio Vilela,
Geiser Trivelatto, Haroldo Palo Jr., João
Luciano Candiani, Rafael Mittermeier

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriana Ramos, Claudionor Pecorari,
Derciu Martins, Edith Gonçalves, Elio
Evaristo Eduardo de Miranda, Fernando
Henrique Picarelli, Marcos Correia,
Mauro Campaniti, Paloma Faria

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (Mtb 20414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR - Antônio Wellington da Costa

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Eliza Bigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chagnac

IMPRESSÃO - Gibão Cochrane

PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (09) 3776.6530

Bahia: (71) 3243.3587/ 9134.9547

Brasília: (61) 3321.9100/ 9655.1684

Belo Horizonte: (31) 3423.6647/8700

São Paulo e interior: (19) 3776.6530

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás

65-9235-7446 / (67) 96023429

Email: regiane@terraagente.com.br

PARA ASSINAR

0800 703 3788

www.assinaterraagente.com.br

CARA

Carlos Alberto Coutinho
Espécie reintroduzida
Tubo de ensaio (Cromatografia)

www.aner.org.br

A revista TerraGente é uma publicação da Terra da Gente, uma empresa do Grupo E